

VIII Simpósio Nacional de História Cultural  
**MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA  
CULTURAL**

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Araguaína - TO

14 a 18 de Novembro de 2016

**CULTURA E PROSTITUIÇÃO: UM ESTUDO DAS NARRATIVAS  
ORAIS DAS TRABALHADORAS DO SEXO DE SÃO VICENTE À  
ARAGUATINS – TO**

Lailson Costa Duarte\*

**INTRODUÇÃO**

Esse trabalho tem por objetivo apresentar alguns apontamentos acerca das vivências constituídas e constituidoras da cidade de Araguaína<sup>1</sup>. A ideia desse trabalho surge do interesse em problematizar e estudar as narrativas orais dessas mulheres que vivem do trabalho da prostituição. Essas mulheres emergem nas narrativas dos memorialistas e nas narrativas da oralidade como sujeitos importantes para o surgimento e consolidação das formações dos povoamentos urbanos da região dos vales dos rios Araguaia e Tocantins no século XX.

Todos os sujeitos têm uma participação importante em seu tempo e espaço, independentemente do seu comportamento social. Essas mulheres muito contribuíram

\* Bacharelado em História pela Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína, unidade Cimba. Texto produzido a partir de comunicação em ST realizada no VIII Simpósio Nacional de História Cultural, tendo como base minha monografia intitulada: Meninas do Araguaia: um estudo das “mulheres de vida livre” de São Vicente à Araguaína. Email: lailsonduarte@yahoo.com.br

<sup>1</sup> Araguaína: Cidade situada na região do Bico do Papagaio, norte do estado de Tocantins, Sendo fundada em 9 de junho 1868 com o nome de vila **São Vicente do Araguaia**, a partir de 1943 passa a ser denominada Araguaína.

para que São Vicente do Araguaia, atual Araguaatins, se desenvolvesse econômica e culturalmente fazendo com que viajantes aportassem as margens dessa cidade e gastasse seu dinheiro e compartilhassem dos costumes locais nas "festas do Cajueiro"<sup>2</sup>. Tais festas aconteciam de segunda a segunda, alegrando a vida dos trabalhadores das companhias de exploração de mogno, barqueiros, pescadores, caçadores, garimpeiros, viajantes, enfim homens que contribuía, muitas vezes sem disso ter consciência, para que o município alcançasse sua independência.

Entendemos que essas mulheres trabalhadoras do sexo ou "meninas" como elas mesmo se denominam, que lutaram por sua sobrevivência e desenvolveram modos específicos de viver e trabalhar, não raro submetidos a toda sorte de exploração, merecem ter suas histórias narradas e que sejam reconhecidas como parte da memória social e construtora das identidades tocantinenses.

Defendemos que para compreendermos o passado é preciso investigá-lo partindo das relações sociais estabelecidas entre os vários grupos sociais que se faziam presentes no processo a ser historicizado. É necessário, pois, voltarmos nosso olhar para as "pessoas comuns" no passado investigando suas experiências constituidoras de seus modos de viver no interior dessas relações ressaltando o valor histórico existente nas ações e nas práticas das camadas "baixas" da sociedade. Jim Sharpe nos lembra que:

A história vista de baixo abre a possibilidade de uma síntese mais rica de compreensão histórica, de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais de história.<sup>3</sup>(SHARPE, 1992, P, 52).

Esses sujeitos, aqui em foco, geralmente são "esquecidos" não só pelas estatísticas do Estado no que tange ao seu desenvolvimento, mas também pela historiografia tradicional da região. É por meio da investigação das experiências desses sujeitos que procuro (re) construir a história da formação e desenvolvimento de São Vicente, atual Araguaatins. Isso não significa, entretanto, que estamos desconsiderando as ações dos sujeitos pertencentes à elite política e econômica nesse processo, quais sejam, comerciantes, chefes políticos, padres e intelectuais, dentre outros. Ao contrário, buscamos entender as práticas e as experiências desses dois grupos sociais distintos numa

<sup>2</sup> Cajueiro é o nome de um conjunto de prostíbulo que existia na cidade em tela.

<sup>3</sup> SHARPE, Jim. "A História Vista de Baixo, in: **A Escrita da História: novas perspectivas**, (org.) BURKE, Peter, SP, UNESP, 1992. P 52.

perspectiva relacional, pois elas constituem uma "teia de relações" que deu forma não só aos aspectos políticos e econômicos do referido município, mas também a seus aspectos culturais. Afinal, como Sharpe faz questão de ressaltar:

Como nossos sentimentos nos recordam, a expressão 'história vista de baixo' implica que há algo acima para ser relacionado. Esta suposição, por sua vez, presume que a história das 'pessoas comuns', mesmo quando estão envolvidos aspectos explicitamente políticos de sua experiência passada, não pode ser dissociada das considerações mais amplas da estrutura social e do poder social (ibid).

A análise de suas vivências cotidianas nos permite uma interpretação ampliada das relações sociais analisando a experiência de vida dessas mulheres. A história vista de baixo nos permite ser "imaginativo e inovador", fazendo com que grupos sociais que sequer tinham conhecimento da importância de suas experiências possam perceber o seu importante papel na construção histórica.

### **RELAÇÕES QUE ENVOLVEM AS TRABALHADORAS DO SEXO**

Essas trabalhadoras do sexo, muitas vezes oriundas de outras localidades que migravam para São Vicente em busca de melhorias de vida tentando outras opções, seja fugindo da exploração das relações de trabalho, seja tentando escapar do jugo masculino, acabavam nas "vendas" e "botequins" submetendo-se a prostituição como última opção para atender suas necessidades básicas que geralmente se resumiam a um teto e uma refeição ao dia.

As trabalhadoras do sexo tiveram sua contribuição fundamental na formação de muitos povoados e municípios da região, dado que eram as primeiras a chegarem, trazidas por comerciantes. Na obra "De São Vicente a Araguaatins" O autor Leônidas Duarte relata um momento em que o regatão<sup>4</sup> Vicente Bernardino pouco depois da criação do município de São Vicente do Araguaia em 1913, traz algumas mulheres de Carolina – MA:

Vicente Bernardino, fez uma viagem a Carolina e de lá trouxe um batelão carregado de cereal e algumas mulheres, as quais deu casa e fornecimento até certo tempo, com condição de fazerem suas compras

<sup>4</sup> Regatão: nome de comerciantes proprietários de barcos que tinham capacidade de carga variando entre três á quinze toneladas.

em sua casa comercial, sempre que pudessem.<sup>5</sup> (DUARTE, 1970; 14-5)

Podemos assim observar a participação significativa delas no processo de povoação do município de São Vicente atual Araguaatins. Vindas de outras regiões instalavam-se nas margens do rio Araguaia para proporcionar o ambiente de diversão e lazer para os homens que por ali passavam. Nem sempre, mas muitas vezes, dada às más condições de vida e ao jugo masculino, estavam alijadas desse lazer.

As mulheres, em geral, foram tratadas pela historiografia de caráter tradicional como sendo vítimas da dominação masculina. No caso do Brasil, essa ideia da submissão da mulher ao homem tem suas raízes ao longo de nossa própria história: o sistema patriarcal apoiado pela Igreja Católica desde o período colonial contribuiu para que a mulher tivesse pouco espaço de atuação social e reforçou as representações da mulher "vitimizada", e "submetida". Entretanto, embora o submetimento da mulher ao homem seja historicamente verificável, nas sociedades ocidentais, as estratégias femininas para lidar, resistir e ou se acomodar a essa situação desvantajosa só há poucas décadas passaram a ser preocupação dos historiadores.

No campo da História Social da Cultura, Edward P. Thompson foi um dos que se preocuparam em demonstrar tais estratégias ao investigar as "vendas das esposas" na Inglaterra no século XIX:

Pode-se então admitir que a esposa era leiloada como um animal ou mercadoria, talvez contra sua vontade, seja por que o marido queria se ver livre dela, seja por motivos puramente mercenários.[...] podia ser tomado como um exemplo melancólico de abjeta opressão feminina".<sup>6</sup> (THOMPSON, E. P., 1998, p 306-307)

A citação se refere à uma prática existente entre os cônjuges das camadas baixas na Inglaterra por meio da qual, após a mulher cometer adultério, ela era leiloada no mercado público. Essas mulheres eram "vendidas" no mercado para onde era levada puxada por uma corda envolta no pescoço e em cujo trajeto era admoestada pela população circundante. Embora, aparentemente, possa parecer um ato abominável contra a mulher, Thompson o apresenta sobre outra perspectiva. Em sua interpretação "ser

<sup>5</sup> DUARTE, Leônidas G. **De São Vicente a Araguaatins**. Marabá-PA: J.C Editora, 1970. P 14-15.

<sup>6</sup> THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P 306-307.

vendida" era uma forma de dissolução do casamento, seja por motivos de adultério da parte da mulher, seja pela impossibilidade de convivência. Segundo esse autor, o que é importante observar é que esse "costume" era uma forma utilizada pela mulher de fugir dos preceitos impostos pela sociedade e poder divorciar-se<sup>7</sup> e viver com o amante, haja vista que, na maioria dos casos, o "comprador" era o homem com quem ela mantinha uma relação extraconjugal, e todo o ritual da venda servia para que a "honra masculina" do marido não fosse maculada e questionada pela sociedade. O fato de o dinheiro arrecadado com a "venda" pelo marido ser doado posteriormente por este ao novo casal (recém-formado pela adúltera e pelo amante) corrobora a interpretação desse autor.

Tais reflexões nos inspira a pensar que, no que se refere ao norte goiano as trabalhadoras do sexo se submetiam aos tratamentos domínio masculino como uma estratégia para garantir o seu sustento dada as circunstâncias de suas condições financeiras. Entretanto, no interior dessa estratégia de sobrevivência se valiam de outros mecanismos para satisfazer outras necessidades, como a necessidade de afeto. Como nos narra Patrícia: "Nós somos carentes"<sup>8</sup>.

### **DE SÃO VICENTE À ARAGUATINS: RESSIGNIFICAÇÕES**

A partir do preconceito ainda existente, advindo, principalmente, de uma sociedade elitizada, podemos compreendê-lo como uma incorporação de valores permanecidos de uma sociedade amparada nos ideais da moralidade e da família tradicional.

Pensando a Vila de São Vicente enquanto uma vila que seguia padrões muitas vezes definidos pela Igreja, que são aqueles da família tradicional, torna-se evidente a imposição por essas instituições, de valores que seguem os padrões da moral e dos bons costumes, estigmatizando o que estava fora desses padrões, no caso em tela, os modos de viver dessas mulheres.

Há uma permanência de determinados valores na passagem da Vila para a atual Araguatins. A tradição enquanto sobrevivência do passado permite que a cultura tanto de uma classe quanto de outra permaneça. Temos enraizados os valores de uma sociedade que percebe a família tradicional e valoriza um sentido específico de moralidade,

---

<sup>7</sup> Considerando-se, inclusive que o divórcio não era acessível às camadas baixas daquela sociedade.

<sup>8</sup> Entrevista 18/07/2014

entendendo que as práticas culturais das prostitutas são ameaçadoras. As instituições sociais formais, quanto mais vinculadas ou próximas das elites, mais contribuem para a exclusão das prostitutas nos espaços da cidade, como é colocado pela proprietária do bar onde as mulheres marcam seus programas:

“Quando a gente vai ao banco, geralmente acaba topando muito cliente aí o que acontece, ele baixa a cabeça, vira pro outro lado e finge que num te conhece, quando chega aqui é abraço beijinho, lá na rua nem parece que é sócio ativo da casa.”<sup>9</sup>

Pelo depoimento, podemos perceber que tanto os valores tradicionais quanto a memória acerca da prostituição na cidade são apropriados pela sociedade em geral, bem como permanece a prática dos sujeitos em reconhecer-las apenas no espaço, diga-se um espaço de exclusão, que a elas é conferido. Nesse sentido, as relações de “afetividade” entre os clientes e as “meninas”, fora do espaço conferido à prostituição são negadas. Fora da zona de prostituição, a prática da clientela continua sendo pautada por uma moral hipócrita.

Entretanto, em contraposição a essas práticas moralizadoras que permanecem, as meninas atualmente se insurgem contra o estigma e evidenciam seus costumes e valores, reivindicando que a prostituição faz parte de seu modo de viver e que deve ser respeitado. As relações experimentadas, na perspectiva delas, além de serem encaradas pelo viés de um trabalho profissional, constituem um conjunto de práticas e valores que dão sentido às suas vidas. Foi questionado a uma delas sobre como ela se sente, se envergonhada ou não, diante da sociedade quando percebe uma ação discriminatória:

“Eu não. Por que se eu sentisse vergonha eu num tava aqui, é como fala. Eu ando nas festas, em restaurante chique, onde tem os casais, eu simplesmente levanto minha cabeça. Eu sou normal como qualquer outra mulher”.<sup>10</sup>

A sua percepção sobre suas amigas também segue o mesmo caminho, de acordo com ela: “elas não se sentem envergonhadas”. Evidentemente, o preconceito continua a incomodar. Entretanto, é nítido o desejo de se imporem enquanto sujeitos e agentes sociais. Se, antes, a exclusão se dava em todos os espaços da cidade, sendo elas “barradas”

<sup>9</sup> Entrevista 15/03/2015

<sup>10</sup> Entrevista dia 18/07/2014

nos bailes, bares e restaurantes das áreas mais centrais, atualmente, elas frequentam tais ambientes mesmo percebendo que ainda são estigmatizadas.

As problematizações que Raymond Williams faz acerca da tradição enquanto *tradição seletiva* na relação passado/presente que move elementos residuais e emergentes, se tomada aqui no que concerne aos significados e valores em disputa, nos ajuda a compreender a ressignificação acerca do estigma por parte das meninas, pois

Certos significados e práticas são escolhidos para ênfase e certos outros significados e práticas são postos de lado, negligenciados.<sup>11</sup> (WILLIAMS, 1979 p.119).

No caso em tela, o estigma continua agindo, mas como um elemento residual do passado e emanado apenas a partir da lógica dominante, reativado no presente de acordo com os interesses dessa lógica de ordenamento social à medida que

é pela incorporação daquilo que é ativamente residual – pela reinterpretação, diluição, projeção e inclusão e exclusão discriminativas – que o trabalho de tradição seletiva se faz especialmente evidente.<sup>12</sup>(Ibid, p.126).

Por outro lado, a prática de incorporar tal estigma que se verificava anteriormente pelo segmento estigmatizado, foi colocada de lado dando lugar ao desejo de ser reconhecido enquanto participante da sociedade, tendo sua cultura respeitada.

Marlene explica essa mudança da época do cajueiro para hoje:

“Como em toda sociedade sempre tem um pra se levantar e impor, ditar regras, dizer como tem que ser feito, pra sair desse impasse, elas passaram a se valorizar”.<sup>13</sup>

Assim, as trabalhadoras do sexo se colocam como insurgentes diante da sociedade, buscando o respeito e a valorização. Portanto, suas práticas no presente constituem elementos emergentes nas disputas de valores no meio social, embora tal emergência não possa ser verificada enquanto um “movimento” articulado e nem tenha, ainda, a eficácia desejada por elas contra o estigma sofrido. Mas não é exatamente essa a característica de um elemento emergente? Pois, de acordo ainda com Williams:

<sup>11</sup> WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. 11. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. P 119.

<sup>12</sup> Ibid, p. 126

<sup>13</sup> Entrevista dia 15/03/2015

Por ‘emergente’ entendo, primeiro que novos significados e valores, novas práticas, novas relações e tipos de relação estão sendo continuamente criados. Mas é excepcionalmente difícil distinguir entre os que são realmente elementos de alguma fase nova da cultura dominante [...] e os que lhe são substancialmente alternativos ou opostos: emergente no sentido rigoroso e não simplesmente novo. (ibid, p. 126).

É preciso ressaltar, entretanto, que, para a consecução do desejo de se colocar na cena enquanto sujeito, elas precisam continuar lidando com o estigma e, nesse lidar, desenvolver estratégias para isso. Uma delas refere-se ao fato de utilizarem nomes fictícios, ou “nomes de guerra”.

A utilização do nome de guerra pode parecer, à primeira vista, apenas uma atitude auto-excludente, obedecendo a determinados valores pré-fixados pela lógica dominante. Não refutamos que seja isso também, mas, devemos analisar outras possibilidades. De acordo com Willians, as atitudes emergentes e suas modificações “não têm de esperar definição, classificação ou racionalização antes de exercerem pressões palpáveis e fixarem limites efetivos à experiência e à ação”. O autor resalta ainda que tais modificações

podem ser definidas como modificações nas *estruturas de sentimento*. [...] ‘sentimento’ é escolhido para ressaltar uma distinção dos conceitos mais formais de ‘visão de mundo’ ou ‘ideologia’. [...] estamos interessados em significados e valores tal como são vividos e sentidos ativamente [...].<sup>14</sup>(WILLIANS, 1979 p.134).

Com efeito, por um lado, elas preferem utilizar uma identidade “fictícia” para que não sejam reconhecidas. Na maioria dos casos, elas fazem isso para proteger a informação de seus parentes, pois muitas não assumem a condição de prostitutas para as famílias com a intenção de não chocá-las, já que são sabedoras que estas, em geral, coadunam com o pensamento dominante. Como parte desta estratégia afirma-se trabalhar em alguma empresa ou algo semelhante. Por outro lado, tal atitude expressa a consciência acerca das imposições dominantes e, no contexto das estruturas de sentimentos elaboradas como *consciência prática*, que levam em consideração inclusive os laços de afetividade e parentesco, elas sabem que devem ter cautela ao se colocarem na cena pública.

---

<sup>14</sup> Ibid, p. 134

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos ressaltar a necessidade de se reconstruir a história regional, no caso em tela, especificamente, a história araguatinense, observando aspectos dos modos de viver e trabalhar de determinados sujeitos pertencentes ao grupo "dos esquecidos" de sua população. Não se atendo apenas aos fatos, datas e relatos oficiais, e sim mediante um procedimento historiográfico que consiga compreender as relações sociais que se expressam nos fatos, por meio de suas problematizações e da interpretação de seu contexto histórico. Essa história assim, "vista de baixo" proporciona a fixação das identidades dos "esquecidos" e deve ser usada para "criticar, redefinir e consolidar a corrente principal da história." (SHARPE, Jim. 1992).

A perspectiva aqui trabalhada faz parte das preocupações em reescrever a história regional saudando uma dívida oriunda de uma historiografia tradicional que opacizou a participação da maioria da população da região em foco em sua história.

Dentro do campo da pesquisa em história, traça-se uma linha invisível - vestígio apagado, mas reconhecido - cujos limites para escolher fontes, temáticas, recortes temporais ou temáticos, perspectivas historiográficas, teóricas e metodológicas são dados por uma autoridade intelectual, que os estabelece (estabelece tais limites) a partir do reconhecimento da legitimidade, como todo o poder simbólico, em afirmar a exclusão dos que, tendo direito ao passado, não têm acesso à história.<sup>15</sup> (CORMINEIRO, Olívia, 2012: 42)

É buscando essa compreensão social que desenvolvemos esse trabalho, dialogando com as evidências, investigando as experiências, os costumes e valorizando a importância dessas "pessoas comuns" que também têm direito ao passado.

Nesse sentido, trazemos para a cena histórica a partir das análises das narrativas orais a história das trabalhadoras do sexo em pé de igualdade com chefes políticos, comerciantes, padres e intelectuais, desse modo agimos em busca de defender que a história e a memória constituem uma arena de disputas onde os antagonistas que nela se batem, independentemente de classe social, são todos, construtores de um processo histórico e de uma cultura específica dentro desse processo.

<sup>15</sup> CORMINEIRO, Olívia M. M.; ANTUNES DE MEDEIROS E.; CAIXETA, Vera Lúcia. *Manual de Fontes para a História Regional dos Vales dos Rios Araguaia e Tocantins*. 1 ed., Curitiba, PR: CRV, 2012.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CORMINEIRO, Olívia M. M.; ANTUNES DE MEDEIROS E.; CAIXETA, Vera Lúcia. *Manual de Fontes para a História Regional dos Vales dos Rios Araguaia e Tocantins*. 1 ed., Curitiba, PR: CRV, 2012.

DUARTE, Leônidas G. *De São Vicente a Araguatins*. Marabá-PA: J.C Editora, 1970.

SHARPE, Jim. "A História Vista de Baixo, in: *A Escrita da História: novas perspectivas*, (org.) BURKE, Peter, SP, UNESP, 1992

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. 11. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977

**Fontes:**

Entrevista realizada no Bar da Marlene com Steffane (22), dia 18/07/2014 em Araguatins – TO.

Entrevista realizada no Bar da Marlene com a Patrícia (26) no dia 15/03/2015, Araguatins – TO.

Entrevista com a Marlene no dia 15/03/2015 em Araguatins – TO.